

Carmen da Silva – Resumo dos dados Biográficos por Maria José de Lima*

* Apresentado no evento do CODIM e da Câmara dos Vereadores de Niterói em homenagem a Carmen da Silva.

Data: 30/03/2011 – 18hrs – Local: MAC de Niterói - RJ

Coordenação: Satie Mizubuti

Expositoras: Maria José de Lima, Núbia Hanciau, Hildete Pereira e Carlos Eduardo Montañó

Introdução:

Originariamente este texto foi apresentado no Ciclo de Estudos: Carmen da Silva vida e obra realizada no Rio de Janeiro, na Casa de Cultura Laura Alvim – Ipanema em 1992. O tópico da mesa em que apresentei esse texto foi: “Pesquisa, roteiro e linguagem cinematográfica para o longa-metragem sobre Carmen da Silva”. Além de mim, participaram da mesa Célia Resende, cineasta e videomaker que havia produzido o vídeo que estreou na abertura deste Ciclo “Nélida Piñon narra Carmen da Silva”; e Ângela Arruda, Psicóloga Social.

Recentemente, em 14/03/2011 Suely Gomes da Costa me convidou para participar da Cerimônia de Homenagem à Carmen da Silva no Museu de Arte Contemporânea na entrega de uma Moção de Louvor e Reconhecimento da Prefeitura de Niterói à autora.

O referido convite foi consolidado em 23/03/2011 por Satie Mizubuti, Coordenadora do CODIM em nome da Prefeitura de Niterói.

Realizei a atualização do texto contando com a colaboração de Alice Barreto del Fresno, que acrescentou ao mesmo algumas novas considerações (vide depoimento no final desse texto).

A ancestralidade e os pais:

Avós maternos:

Idalina Pereira e Victor Daniel (alsaciano). Imigrou da Europa para o Brasil em 1861.

Avós paternos:

Narcisa Lopes (Uruguaia) e Pio Ângelo da Silva, médico diplomado em Paris. Foi o médico de cabeceira do Comendador Domingos Faustino Correa, viúvo e imensamente rico, tendo recebido dele uma estância como retribuição aos cuidados gratuitos dispensados ao Comendador e à sua mulher

Pais:

Celina Daniel da Silva (Nascida em 1885 e falecida em 1941) e Pio Ângelo da Silva, médico diplomado pela Universidade da Pensilvânia – Filadélfia. (Nascido em 1878 e falecido em 1925).

Irmãs/o:

Celina, Maria Pia, Maria Isabel e Pio Ângelo. (Na tese de Ana Rita Fonteles, a autora se surpreende pelo fato de que só a irmã Maria Pia seja citada nas Histórias Híbridas. As outras duas, Celina e Maria Isabel, ambas casadas, moraram muito pouco com ela, pois seus maridos trabalhavam em empresas que os transferiam por todo o Brasil. Além de Lucy (mãe do Carlos) e de mim, houve três sobrinhas mais, uma já falecida e outras duas cujo endereço desconheço e que só vieram a conhecer Carmen quando ela foi fazer uma palestra em Santa Maria, no RS e sem contacto posterior).

Nascimento:

Nasceu em 31.12.1919 na cidade do Rio Grande – Rio Grande do Sul – na Rua Conselheiro Pinto Lima – nº 51

Trabalho:

Carmen formou-se como professora primária no Colégio Santa Joana D’arc, dirigido por freiras francesas, e começa a trabalhar aos 18 anos na Companhia de Petróleo Ipiranga até 1944.

Nessa época publica, também, alguns artigos de forma eventual em jornais locais e se recende da falta de críticas sobre seu trabalho. Simplificou ainda mais a taquigrafia, com um método próprio.

Carmen no Exterior Montevideu e Buenos Aires (1944-1962 (ver Hist Híbridas, pag114.) Carmen se muda da cidade do Rio Grande a partir de agosto de 1944, passando a trabalhar em Montevideu, no Escritório Comercial do Brasil e no outro horário em uma organização Internacional. onde fazia tradução e participava do Comitê para a Defesa Política do Continente. Após um tempo, se dedica à atividade privada, trabalhando nos escritórios de René ??? , proprietário de uma firma francesa.

1949 – Transfere-se de Montevideu para Buenos Aires, como funcionária de René. Faz a formação psicanalítica com Jorge Weil (falecido) e depois com Diego Garcia Reinoso (falecido). Circulava entre o grupo da Associação Psicanalítica, a Sociedade Argentina de Escritores (SADE) e intelectuais latinos americanos. Nestes grupos a opressão à mulher era mais disfarçada, pensava ela retrospectivamente, pois nunca lhe ocorrera sua constatação.

Em 1949, a empresa se transfere para Buenos Aires, onde ela passa a residir na Avenida Córdoba.

Transformou-se numa ágil mulher de negócios internacionais, atuando na área financeira, com freqüentes viagens a São Paulo.

Foi René quem lhe deu o livro O SEGUNDO SEXO de Simone de Beauvoir por ela avaliado com futilidade atraindo-a o lado picante e divertido pela franqueza de linguagem da autora. Só muito mais tarde descobriu a importância da autora depois de ler A CONVIDADA , OS MANDARINS, encantada com a extraordinária capacidade de comunicação da Simone de Beauvoir.

Escreveu e publicou artigos e contos para revistas e jornais. Lembro, especialmente, de “La Gaceta de Tucumán”, um dos mais antigos da Argentina, de alto nível, especialmente no que se refere a temas culturais, e da revista Leoplan, há muito desaparecida. Não encontrei na Internet nenhuma referência, mas, na época, lia até antes de serem publicados, esses artigos e contos Damas y Damitas, Atlántida e El Hogar, revistas femininas.

Em 1955 escreve o livro “SEPTIEMBRE” publicado em 1957 através da filósofa Catalã Natividad Massanés, (Não sei se foi através de Nati, mas Nati era uma exilada do franquismo, muito inteligente e preparada e que fazia parte do grupo de Carmen, assim como o fazia Marta Mercader, que era escritora e não psicoanalista) que leu os originais e apresentou-a ao editor da Goyanarte – Guillermo de Torre (um dos fundadores do movimento dadaísta). Ed. Goyanarte – Buenos Aires – Argentina. Este livro foi traduzido e publicado no Brasil com o título: “FUGA EM SETEMBRO” – Ed. Eldorado – 1973.

Na Argentina, em 1958, recebeu a faixa de Honra da SADE (Sociedad Argentina de Escritores) Quando ela leu a primeira crítica dos jornais argentinos pensou: “Enfim eu conquistei o direito ao meu próprio nome, Carmen da Silva”

Vive um período depressivo com problemas pessoais na fase analítica. por ter rompido com René, empregando-se na Embaixada do Brasil como secretária do Adido Militar, o que não a habilitava aos privilégios diplomáticos.

A psicanálise, os acontecimentos político sociais, as amizades que a rodeiam: Elvira Orphée – Glória Alcorta – Augusto Roa Bastos – Hermes Villordo – Juan Jose Hernandez – Jorge Calvetti (poeta assassinado pela ditadura Argentina), Syria Poletti – Susana Thenon – Isabel Luzuriaga (essa era psicoanalista).

Os Psicanalistas – Ricardo Bastid (não era psico, mas sim pintor e escultor) – Tereza Leturia – Tereza Ramonet – foram os ingredientes de uma crise existencial acontecida num sábado dos anos de 1960, no apartamento da Calle Montevideu. Nesse dia ela chegou à conclusão de que tudo que pensara, programara que fosse um mundo para ela, estava errado pela base. Jogou os velhos esquemas no lixo e reformulou tudo de sua vida a partir do ZERO.

Compreendeu que o SER plural não era um sentimento passageiro, era uma escolha de vida, uma exigência ética, um destino inescapável. Na segunda-feira contou a seu psicanalista Diego Garcia Reinoso que comentou com um leve sorriso “Eu sabia que uma dia essa cabeça dura iria chegar lá”

1962 – Sua condição de estrangeira depois de 13 anos em Buenos Aires começa a pesar em sua vida já que é proibida de assinar manifestos, de participar de passeatas e nos dias de eleição ressentia a mágoa da exclusão. Ela levava uma vida muito agradável entre jornalistas e escritores, sempre com o sentimento de que sua vida era irreal. Nesta crise ela raciocina que estava na hora de escolher entre a nacionalidade (não propriamente optar pela nacionalidade, pois, então, se optasse pela argentina, teria de deixar de ser brasileira, sem, no entanto, gozar de nenhum dos privilégios de que gozam os nacionais, como participar de qualquer atividade política) argentina ou brasileira, tendo feito a opção pelo Brasil.

Retorno ao Brasil (1962-1985):

1962 – Reside na Rua Raul Pompéia 131/210, Copacabana – Rio de Janeiro. Registra-se como eleitora no Estado da Guanabara e vota nas eleições de 10 /1965, 01/1966, 11 de 1970 e 1976, 11 de 1978 e 11 de 1982.

1963 – A Ed. Abril procurava uma correspondente para a Revista Cláudia, ela se candidatou ao cargo e foi aceita, apresentando-se ao Diretor de Publicação, Luis Carta, juntando seu currículo, com cópias de artigos, contos e crônicas de sua autoria.

Estréia na revista CLAUDIA assumindo o espaço “A ARTE DE SER MULHER” com o artigo “A PROTAGONISTA”. Manteve o espaço “CARMEN DA SILVA RESPONDE” na revista onde ela chegavam uma avalanche de 400 a 500 cartas mensalmente em todos os tons: Desesperadas, xingamentos, apelos, pedidos de clemência, etc. Nas suas respostas ela procurava levar as suas consulentes a rever suas posições individuais e buscar os próprios caminhos. Ela percebeu que ao aceitar esse encargo deveria guardar infinitas precauções evitando se mostrar radical. Escolheu como tema incentivar as mulheres a trabalhar, encorajando-as a se assumir enquanto pessoa, a defender sua autonomia. Levou oito anos para introduzir a palavra FEMINISMO em um artigo, sem perder de vista que escrevia para uma clientela da classe média em ascensão. Incontestavelmente diz ela em uma entrevista que havia um hiato entre conteúdo da revista e as suas idéias.

Essas cartas foram incineradas após a sua morte por Maria Pia (sua irmã) conforme desejo da autora, devido seu posicionamento ético, considerando que eram cartas pessoais e que não podiam ser divulgadas.

Permaneceu durante 21 anos ocupando esse espaço. Três anos depois reuniu os artigos já publicados em um livro com o título “A ARTE DE SER MULHER” Ed. Civilização Brasileira – 1ª edição 1966 – 2ª edição 1967 - 3ª edição 1968 - 4ª edição 1969.

1964 – Publica “SANGUE SEM DONO” pela Ed. Civilização Brasileira que é traduzido para Espanhol com o título SANGRE SIN DUENO – 1965.

1967 – Durante uma conferência em Goiânia, um bando de maridos indignados com seus posicionamentos (lotou salas através do Brasil todo) ameaçou aplicar uma surra em Carmen da Silva (artigo de Renato Modernell – “CLAUDIA” – Outubro 1960). Decide então tirar a licença permanente de porte de armas nº 2.828 para uma carabina 22, no Serviço de Armas, Munições e Explosivos.

Muda-se do Rio para Niterói junto com seu companheiro Cláudio Lopes da Silva, inicialmente para o bairro Charitas e depois para um apartamento próprio situado à Rua Quintino Bocaiúva, 343 apt. 302 no bairro de São Francisco.

1968 – Publica pela Ed. Civilização Brasileira “O HOMEM E A MULHER NO MUNDO MODERNO” que teve uma segunda edição em 1971. Ainda, em 1968, inscreve-se como segurada autônoma no INPS na base de três salários mínimos. Recebe benefício em 1974.

1974 – A editora Abril forneceu uma carta de identidade à Carmen como “Free Lancer Correspondent” do Brasil.

1975 – Pronuncia a conferência de abertura da “Semana de Pesquisa Sobre o Papel e o Comportamento da Mulher Brasileira” na Associação Brasileira de Imprensa (ABI). E desde então, até a sua morte conviveu intensamente com as Feministas participando de todas as

manifestações, passeatas, redação de documentos e outras atividades do Movimento Feminista. **Esta solenidade é o marco do Feminismo contemporâneo no Brasil.**

1977- A Editora “Des Femmes” Paris, publicou um livro de entrevistas com mulheres brasileiras, coordenado por: Maryvonne Lapouge e Clélia Pisa denominado de “Brasileiras”, no qual incluiu uma entrevista com a Carmen da Silva nas páginas 47 à 56.

1979/1980 – Rompe com Cláudio Lopes da Silva e retorna ao Rio de Janeiro vivendo inicialmente na Rua Dias da Rocha e depois na Rua 5 de Julho.

1981 – A Fundação Carlos Chagas convida Carmen para integrar o Conselho Editorial do jornal bimensal “Mulherio” e ela assina o texto de apresentação do primeiro número “Abracadabra”. Ainda em Outubro de 1981, no aniversário de 20 anos da revista Cláudia, o escritor Ignácio de Loyola Brandão exalta o trabalho da escritora com o artigo “A arte de ser Carmen”. No mesmo exemplar Carmen rememora em um artigo a evolução do seu trabalho na Cláudia desde 1963.

1981 – A editora Abril fornece-lhe carteira de identidade com cargo de: Redatora – Editorial. Ainda nesse mesmo ano prefacia o livro “O ESPELHO DE VENUS” do Grupo Ceres – RJ – Ed. Brasiliense.

1983 – Carmen participa da passeata do 8 de março fantasiada de Rainha do Lar pelas ruas do centro do Rio, usando avental, colher de pau, balde, com uma faixa e uma coroa demonstrando muita irreverência e fazendo uma crítica ao machismo. Esta faixa e a coroa foram confeccionadas por Hildete Pereira e estão sob a guarda da defensora pública Rosane Reis desde Julho de 2010.

1984 – Publica sua Biografia pela Ed. Brasiliense “HISTORIAS HÍBRIDAS DE UMA SENHORA DE RESPEITO”. Ainda em 1984, Carmen participa da passeata dos 8 de março fantasiada de Estátua da Liberdade carregando em uma das mãos uma tocha e na outra uma tábua de cortar carne. (A foto saiu na capa do JB e do Globo).

Morte e homenagens

1985 - Em 25 de Abril de 1985 durante uma conferencia sobre Jornalismo e Feminismo realizada no auditório do SENAC, em Resende - RJ sente-se mal, vindo a falecer no dia 29 em um Hospital de Volta Redonda – RJ. A Deputada Estadual Lucia Arruda aprovou uma “Moção” de pesar pelo falecimento de Carmen na sala de sessões em 30/04/1985 publicada no Diário Oficial Legislativo de 02/05/1985.

No mesmo ano em 03/07/1985 a Prefeitura de São Paulo tendo como Prefeito Mario Covas, determinou que a Escola Municipal de Educação Infantil, na Rua Júlio de Oliveira, Perus – SP fosse designada Carmen da Silva, gesto este que emocionou muito a Maria Pia, irmã de Carmen por que a educação foi um ponto fundamental da luta travada por Carmen para uma sociedade melhor e mais equilibrada.

1986 – A equipe da revista chilena “Mujer/Frempress” por mim coordenada, exhibe uma fotografia da Carmen fantasiada de Estátua da Liberdade no primeiro exemplar de artigos traduzidos do espanhol para o português, foto de Eunice Gutman. Ainda, nesse mesmo ano, a Deputada Estadual Lucia Arruda e sua equipe homenageiam a Carmen na ALERJ com o título de Cidadã Benemérita do Rio de Janeiro. Pós Mortem – DO da ALERJ – 08/03/1986 – Ano XII – número 42 – parte 2.

1987 – A revista “Impressões: Feminismo é Cultura” nº 0 – Dezembro, da Rede de Artes e Literatura Feminista presta uma homenagem à Carmen com o título: “Lembrando Carmen da Silva – In Memoriam co-fundadora: presente”. Redigido por Danda Prado em nome de todas as mulheres da revista.

1988 – Foi instalado, por solicitação do CEDIM, presidido por Branca Moreira Alves, o “Centro Carmen da Silva de Informação e Pesquisa Sobre a Mulher” na Biblioteca Pública do Estado do Rio de Janeiro, na Avenida Presidente Vargas 1261 – Jornal do Brasil de 30/04/1988.

1989 – Em 05 de maio de 1989 o traslado dos restos mortais de Carmen da Silva, do Cemitério São João Batista para o Portal da Ressurreição na Igreja de Nossa Senhora de Copacabana, Núcleo 1-8-16 – Rua Hilário de Gouveia 36 foi realizado por sua sobrinha Alice Barreto del Fresno e Maria José de Lima.

1992 – Realizamos o “Ciclo de Estudos Carmen da Silva – Vida e Obra” na Casa de Cultura Laura Alvim (CCLA) em Ipanema – RJ, entre 11/05 e 13/07 de 1992, resultante de uma parceria entre a REALFE, a CCLA e a Ed. Abril, representada por Célia Pardi diretora da Revista Cláudia. A doação da Ed. Abril de R\$ 2.877.000,00 (estamos falando de cruzeiros) foi feita à Associação de Amigos da Casa de Cultura Laura Alvim e por ela administrada. Projeto de Danda Prado, Maria José de Lima e Célia Resende, produzido por Ângela Arruda, Maria José de Lima, Tereza Borges e Célia Resende.

Foram conferencistas: Danda Prado, Hildete Pereira, Nélida Piñon, Moema Toscano, Edna Savaget, Célia Pardi, Ângela Ziraldo, Isabel Vieira, Ângela Borba, Fúlvia Rosemberg, Mariska Ribeiro, Luis de Lima, Maria Lucia Vidal, Fernando Gabeira, Comba Marques Porto, Maria Luiza Heilborn, Leila Linhares, Maria Aparecida Rodrigues Delfino, Branca Moreira Alves, Tânia Coelho dos Santos, Célia Resende, Maria José de Lima e Ângela Arruda.

Foi prestada uma homenagem à Carmen da Silva pelas Deputadas Rose Souza, Heloneida Studart e Lúcia Souto que apresentaram e defenderam o projeto de Lei 1133/92 na ALERJ – D.O de 26/11/1992 – anexo: XVIII – número:224 – parte 2, que designa o CIEP Brizolão 377 de Carmen da Silva, na Avenida das Mulheres, Belford Roxo – RJ.

2000 – Foi incluído no Dicionário de Mulheres do Brasil, Ed. Zahar, o verbete Carmen da Silva, páginas 131,132 e foto na página 139.

2005 – A professora de História Ana Rita Fonteles Duarte da UFC – Fortaleza, publica o livro “Carmen da Silva: O Feminismo na Imprensa Brasileira” pela Expressão Gráfica Editora de Fortaleza – Ceará.

2010 - A Câmara de Vereadores de Niterói aprova uma “Moção de Louvor e Reconhecimento” número: 558/2010 em memória à jornalista Carmen da Silva, apresentada pelo Vereador Felipe dos Santos Peixoto.

2011 - Na Revista Cláudia, de Fevereiro de 2011, a Presidente Dilma Rousseff declara a Cynthia Greiner: “Me lembro quando estava no movimento estudantil e coordenei várias palestras de Carmen da Silva, que nos anos 1960 publicava artigos memoráveis na revista. Tudo começou com Carmen, uma inspiração para a autonomia e independência da mulher. Nossa geração deve muito a ela”.

Em 30/03/2011 realizou-se no auditório do Museu de Arte Contemporânea de Niterói o ato de entrega da “Moção de Louvor e Reconhecimento” à jornalista Carmen da Silva, ao seu sobrinho-neto Carlos Eduardo Montañó. Nas comemorações dos 50 anos da Revista “Cláudia” foi divulgado o artigo “Carmen que era Mulher de Verdade” páginas 142 a 145 – Exemplar de Março, da autoria de Ana Rita Fonteles Duarte.

Digitação: João Carlos Rocha
Responsável: Maria José de Lima

Depoimento de Alice Barreto del Fresno

Eu estive pensando umas coisas que têm a ver com a vida de Carmen e com nossas experiências conjuntas durante tantos anos. Morei com ela até os 8 anos (1939). Após a morte de vovó, em 1940, Carmen tornou a morar conosco, até sua ida para Montevidéu. Aqui me entra uma dúvida: pelos meus cálculos isso aconteceu no inverno de 1943, embora tenha se estabelecido, ignoro por quê, que foi em 1944. Depois de Montevidéu, quando já morávamos em Porto Alegre, Carmen trabalhou um tempo num curtume nos arredores de PA e passava o fim de semana conosco. Papai foi transferido para o Uruguai em 1950, Carmen já estava em

Buenos Aires. mas passava as férias, feriados longos, em casa; era só meia hora de viagem e pronto. Sem dúvida, sua verdadeira família éramos nós, prescindindo das outras duas irmãs. Certa vez, ao ser entrevistada, Carmen menciona os “netos”. Eram os meus filhos e sobrinhos. Aqui, lendo o texto de Danda Prado, apresentado no painel “O Encontro com Carmen da Silva” e relendo o livro da Carmen “Histórias Híbridas de uma senhora de respeito” esclareço que quando Danda menciona “noivo fino etc.” no seu texto Carmen estava retratando os dois cunhados, dois Carlos, maridos de Celina um, e de Bebelá o outro. A meu ver, o ambiente familiar era já um antecedente do feminismo ou, pelo menos, da transgressão. Celina e mamãe, por exemplo, começaram a trabalhar, antes dos 20 anos e por necessidade econômica, como bancárias; as primeiras mulheres em Rio Grande a terem esse tipo de emprego. O padrinho de Carmen, que também morava conosco, advogado formado em Coimbra, era político, foi deputado federal e trazia e instalava em casa quanto político passava por Rio Grande. Era gente de avançada, preparada, livre-pensadora, que não permitia que o catolicismo exacerbado de então impedisse qualquer forma de pensamento liberal.

Carmen viajou a Rússia mandada pela Cláudia. Como morria de medo de avião, foi do Rio a São Paulo de trem. Lá, com meia garrafa de uísque, foi até Paris onde consumiu o restante para juntar coragem e seguir até Moscou. Esteve ainda outra vez na Rússia com Cláudio e, certamente, consumiram 2 garrafas no trajeto, litros de vodca no destino.

Em fevereiro de 1958, foi lida, na Rádio Nacional, que então gozava de muito prestígio, uma obra de teatro baseada em O Banquete, cujo nome esqueci (O banquete de ???”). Nos reunimos ao redor de um aparelho mínimo e com som execrável para escutar a leitura: Carmen, Jorge Weil, o psicanalista dela, meu marido e eu. Inútil. Entre o barulho da rua, a descarga do rádio e as perguntas inoportunas de Mme. Weil, que também estava presente, foi impossível decifrar o que estava sendo lido. Aliás, acho que ninguém escutou. A TV tinha aparecido um pouco antes e uma obra de teatro lida era coisa do passado. Carmen também tentou estreiar na TV, no Brasil, sem sucesso. Era uma novela, acho que levada ao ar na Record, que ficou nos primeiros capítulos por não ter ela aceito certas intromissões do produtor ou patrocinador.

Nota: Mamãe e Carmenzinha, embora aparentemente diferentes, eram persona e personagem; casca diferente, mesmas idéias no que concerne a independência, mulheridade, culinária, agarrar os talheres, etc. Por essas razões, e por morarmos sempre juntas ou muito perto, a convivência entre as duas foi bem mais intensa do que com as outras irmãs.

E-mail: aldelfresno@fibertel.com.ar

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 2011